

Duas memórias e o esquecimento

OU
de como a festa investe sobre o instante e preenche a memória, destruindo a palavra

RAFAEL BARROS | MARCOS DA COSTA MARTINS | LÉA FREITAS PEREZ

Resumo:

Título: *Duas memórias e o esquecimento ou de como a festa investe sobre o instante e preenche a memória, destruindo a palavra...*

A partir de um tema supostamente comum, que seja o da festa do congado, pretendemos mostrar como a diferença constitutiva da experimentação festiva permitiu uma aproximação inesperada de nossos olhares. Quando fizemos os cruzamentos de nossas notas de campo, percebemos que havíamos, por diferentes percursos, chegado a um mesmo território: a memória. Tentamos aqui (re)constituir, através de um diálogo, os passos desse duplo percurso, procurando explicitar o itinerário acadêmico, mas sobretudo, o afetivo. Colocando-nos em causa através de nossas histórias, que se entrelaçam de maneira tão singular à história local do congado, pretendemos expressar como nossas adesões são importantes na transfiguração de uma experiência de vida que se apresenta, nessa circunstância, como trabalho de campo. Expor essas participações acaba, ao fim, por levar-nos a uma reflexão geral sobre o processo de confecção da tradição e das relações da cultura em geral com os temas da memória e do esquecimento. Esquecemos... por isso inventamos!

Palavras-chave: memória, esquecimento, festa, escritura e experimentação etnográfica

Abstract: From a supposedly joint theme: the celebration of the congados*, we pretend show like the constitutive difference in the festival experimentation allowed an unexpected approach of our point of views. When we make the intersection of our notes, we perceive that, through different ways, we have reached a common place: the memory. We try here (re)constitute, through a dialog, the steps of this double walking. We search, in this way, explicit the academic, but mainly, the affective itinerancy. Put ourselves in question through our histories tied up in singular manner to local histories of devotional groups, we pretend express how our belongings are important to the transfiguration of a life's experience that arises, in this circumstance, like a fieldwork. Exhibit this participations led us to a general reflection about the production process of tradition and the relations between general culture and the themes of memory and oblivion. We forget... therefore we invent!

* congados are groups devoted to celebrate the glory of Our Lady of the Roses. These groups are called guards and defend the Queen with dances, chants and symbolic fights.

Keywords: memory, oblivion, festival, writing and ethnographic experimentation

Encontrei hoje em ruas, separadamente dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. Cada um me contou a narrativa de por que se haviam zangado. Cada um me disse a verdade. Cada um me contou as suas razões. Ambos tinham razão. Não era que um via uma coisa e outro outra, ou que um via um lado das coisas e outro outra, ou que um via um lado das coisas e o outro um outro lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

Fernando Pessoa

Apartir de um tema supostamente comum, que seja o da festa do congado, pretendemos mostrar como a diferença constitutiva da experimentação festiva permitiu uma aproximação inesperada de nossas próprias experiências. Quando fizemos os cruzamentos de nossas notas de campo, percebemos que havíamos, por diferentes percursos, chegado a um território comum: a memória.

Tentamos aqui (re)constituir, através de um *diálogo*, os passos desse duplo percurso, procurando explicitar o itinerário acadêmico, mas sobretudo, o *afetivo*.

[Diálogo é aqui tomado *à la fois* como figura de relação com a alteridade e como procedimento de modelização textual. A inspiração, como não poderia deixar de ser, em se tratando de um texto sobre festa, vem do *Banquete* platônico, em seu desvio popular e carnavalesco bakhtiniano.]

[Como bem diz um esquecido mestre (em tradução/traição livremente/arbitrariamente por mim perpetrada, assim como todas as demais que figuram neste texto): “a categoria afetiva do sobrenatural enquanto tal não é propriamente afetiva, quando entra em ação dá não o conhecimento, mas o sentimento (se o distinguimos da emoção propriamente dita, da qual ele é inseparável no complexo que invade a consciência do indivíduo) de uma existência presente ainda que frequentemente invisível e imperceptível aos sentidos e atuante. É um dado último, ou, se assim o preferirmos, imediato da experiência chamada mística, e para além da qual eu não vejo como poder-se-ia remontar”.]

Colocando-nos em causa através de nossas histórias, que se entrelaçam de maneira tão singular à história local do congado, pretendemos, e não passa de mera pretensão, expressar como nossas adesões são importantes na transfiguração de uma experiência de vida que se apresenta, nessa circunstância, como trabalho de campo.

Expor essas *participações* acaba, ao fim, por levar-nos a uma reflexão geral sobre o processo de confecção da tradição e das relações da cultura em geral com os temas da memória e do esquecimento.

[Para os sábios e sabidos primitivos, que sabiam da força do esquecimento, ser é participar, pois são convencidos de que entre os seres e as coisas há uma ligação tal que o que afeta a coisa, afeta do mesmo modo o ser. Assim, “o traço do pé é o pé ele mesmo; o pé em virtude do princípio *pars pro toto* ou da participação de todas as partes do organismo, é o animal ele mesmo, como sua imagem e seu nome. O ato do primitivo não teria sentido se ele não estivesse persuadido de sua eficácia, isto é, da participação”].

Esquecemos... por isso inventamos!

Texto a seis mãos, a três vozes... uma que vem de dentro/do fundo da experiência mesma da festa, outra que lhe sobrevoa contemplativamente. Duas memórias... E uma terceira, a do esquecimento que se lhe acrescenta suplementarmente como margem de texto. Um texto que é pre-texto e que renuncia ao gesto de transformar um efeito posterior de sentido (escritura) em origem (arquiescritura).

[Escrever nos solicita, literalmente, “entrar na afirmação da solidão, onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência do tempo, onde reina o eterno recomeço. É passar do Eu ao Ele, de modo que o que me acontece não acontece a ninguém, é anônimo pelo fato de que isso me diz respeito, repete-se numa disseminação infinita. Escrever é dispor a linguagem sob o fascínio, e, por ela, nela, permanecer em contato com o meio absoluto, onde a coisa se torna imagem, de alusão a uma figura que se converte em alusão ao que é sem figura e, de forma desenhada sobre a ausência torna-se presença informe dessa ausência, a abertura opaca e vazia sobre o que é quando não há mais ninguém, quando ainda não há ninguém”. A arquiescritura é a cumplicidade das origens, o que se perde nela é “o mito da simplicidade da origem”, mito que “está ligado ao próprio conceito de origem: à fala recitando a origem, o mito da origem e não apenas aos mitos de origem”].

- Nossas lembranças, por mais obscuras que pareçam, podem revelar/des-velar, muito mais que ocultar/velar, aquela imagem opaca que nos acompanha. Por que possuímos tantos fantasmas? Parece tão desproposital nos prendermos a momentos fugidios que escapam à ordem normal das coisas e que nada parecem dizer a nosso respeito.

- É sob o efeito do *sublime* que me vem à memória o cortejo congadeiro.

[A oposição entre as ciências e as letras, põe frente a frente, não “o real e a fantasia, a objetividade e a subjetividade, o Verdadeiro e o Belo, mas somente lugares diferentes de fala”. O ausente, o jogo enunciação/enunciado, deixa seus fantasmas na memória e seus rastros na escritura, pois se “o enunciado, objeto habitual da lingüística, é dado como o produto de uma ausência de enunciator, por sua vez a enunciação, “expondo o lugar e a energia do sujeito, quiçá sua falta (que não é sua ausência), visa o próprio real da linguagem; ela reconhece que a língua é um imenso halo de implicações, de efeitos, de repercussões, de voltas, de rodeios, de redentes; ela assume o fazer ouvir um sujeito ao mesmo tempo insistente e insituável, desconhecido e, no entanto reconhecido segundo uma inquietante familiaridade: as palavras não são mais concebidas ilusoriamente como simples instrumentos, são lançadas como projeções, explosões, vibrações, maquinarias, sabores: a escritura faz do saber uma festa”.]

Na bendita atmosfera asséptica de minha infância, era algo sensacional demais para ser ignorado por uma mente fervilhando de imaginação enquanto a procissão passava em frente de minha casa. Eu ficava ali na varanda, de lajota vermelha e grades em formações florais, entre samambaias, a olhar de esguelha, estupefato. *Horror religioso* e fascínio pela perturbação colorida, que descrevia revoluções, paramentada de fitas e brilhos.

[Não nos iludimos. O sagrado não é, como reza uma certa doxa, puramente natural e humano, ao contraio, é profundamente aparentado à violência. Vale mencionar que o elemento fundamental do sagrado é o *numinoso*, que se desdobra em *tremendum* (o temível, o repelente) e *fascinans* (o fascinante,

o atraente). O numinoso *mysterium tremendus e fascinans* é também (*et pour cause*) a experiência humana vivida do sentimento do estado de criatura.]

O azul havia descido a terra em forma de cetim! Epifanização do *mysterium tremendus e fascinans*! Tripla vacilação: o modorrento estudo bíblico [que nos era imposto como o óleo de fígado de bacalhau], a cerimônia católica [e suas noturnas implicações] e o culto pentecostal [e seu transe desenfreado]. Como o congado podia lidar com estas instâncias de maneira tão leve?

- Era domingo, mais um desses domingos interioranos onde as crianças se perdem ao tanto fazer *nada* e os adultos se enfadonham no *nada* fazer.

[O sublime e o dom do nada... Não há algo que efetivamente aconteça (metafísica da presença), senão justamente o distanciamento do ente que se presentifica no ato. A festa é “metafísica em ato, que nos recolocando frente a frente com uma natureza ou uma matéria infinita, nos reconduziria à aposta feita ao imprevisível, ao dom do nada, feito ao nada ...”]

Nada este que se desdobrava nos afazeres culinários ou na visita dominical à casa de vovó. Ah, já me esquecia, da também santa missa do domingo! Tinha entre seis ou sete anos de idade. Mamãe se distraía preparando nosso almoço quando entrei entusiasmado em casa lhe pedindo uma roupa branca. Tinha de ser toda branca! Calça e blusa! Vesti eufórico a roupa e sai correndo para a rua. Mamãe nem imaginava! mas me aprontava para participar da festa do congado. Fizemos os capacetes com tiras de papelão e fitas de papel crepom colorido. Vestidos de branco e com os capacetes na cabeça seguimos para a igreja do Rosário, situada no morro do cemitério, de onde seguiríamos dançando junto dos congadeiros. Passamos o dia com eles! Apesar (e por isso mesmo) da longa distância temporal, algumas imagens me acompanham com tamanha força que as vivencio hoje. A visita à casa de Dona Preta, minha antiga benzedeira... Galego, filho da Ção, puxando com saltos espetaculares a fila do congo... O café na casa de Dona Liquinha, antiga e respeitada rainha conga, velhinha, mal conseguia andar... Os momentos de descontração na frente da igreja do Rosário...

- Próximo do desfile circense, mas com sua solenidade intacta; brilhante, colorido e esfuziante, de mãos dadas com o transe, mas de uma alegria diurna, solar mesmo, ao sabor de um canto e um toque inédito! Para mim, aquele instante *absoluto* ficou sendo o perpétuo congado, sempre de *passagem...* um acompanhar dos olhos!

[Se o absoluto é aquilo que não suporta nenhuma restrição, nenhuma reserva e não faz nenhuma concessão e que só pode se realizar em três níveis, a saber: sob a forma de ideal estético (arte), sob a forma da verdade revelada pelo sentimento (religião) e sob a forma da verdade experimentada em sua essência absoluta (o conhecimento racional puro), a passagem como a mudança é “o estado de uma coisa que é e que não é, que não é o que era, que ainda não é o que será, idéia fugidia para nosso espírito o qual só se pode fixar sobre aquilo que é fixo e imobiliza as coisas pelo simples fato de pensar nelas”.]

Um absoluto instante fugidio... Quando se olha já não está mais lá! Diferimento e adiamento.

Se havia esse intenso resplandecer, como podíamos crianças, no dia seguinte, na escola, ridicularizar os filhos dos congadeiros!? À força de torná-los diferentes, ali onde todos vestiam o mesmo uniforme, sem o saber, dançávamos o congado para que eles se vissem na pantomima de nossos gestos. A simplicidade da crítica infantil dói na sua qualidade cortante, na sua interpelação direta. É

tudo aquilo que discorda desse texto e ao qual ele *necessita solicitar!* [como poderia?]

[Necessidade: clausura da época (necessité) figura estrutural + totalidade histórica = Texto com seus valores de legibilidade e sua eficácia/ necessidade: nascida da natureza ou vida social, entre as duas, o jogo silencioso da diferença. Solicitação (em latim, literalmente, sacudir o todo do ser) “ameaça histórico-metafísica dos fundamentos”, pois a “angústia não é e não deve ser um *pathos determinado* do autor” “porque não é um afeto empírico do autor, é a responsabilidade dessa *angústia*, passagem estreita pela qual as significações se empurram e se detêm mas também se atraem (*equivocidade*)”.]

E o poder do Rosário revela-se na dolorosa aceitação muda que transformou aquelas crianças zombadas em adultos orgulhosos a levar também seus filhos à procissão. Confio que a troça engolida à força possa mesmo contribuir para a energia viva das evoluções, elas próprias respostas tão contundentes que silenciam as crianças, no fundo, invejosas daquele poder.

Quem fica imune àquele feitiço de cor e movimento? Quem se atreveria a enfrentá-lo no momento em que ele é o senhor absoluto!? Infinito instante! Quem não deseja se cobrir daquela entrega, ser tocado pelo manto de uma Rainha, ser chamado àquela hoste coberta de relíquias e, por um instante, se tornar simples lugar de conversão de todas as rezas e olhos enquanto oferece seu corpo como veículo de uma glória risonha!? Afinal, a glória não consiste no prazer de poder fazer a oferta pública do gozo de pertencer a tão sublime Reino?

[A festa não é nem julgamento da realidade nem julgamento estético. Ela é o sublime e o “infinito sem limite”].

- O que conduzia as pessoas para a rua era aquele movimento diferente, aquela festa de “gente preta” que quase todos associavam à macumba. Minha relação com os festejos do congado se resumia à admiração e à curiosidade pelo exótico. Tudo se passava como se o inevitável me conduzisse ao congo. A minha falta de iniciativa era vencida pela *força* mesma da tradição que vinha a mim.

[Evocação maussiana, práticas tradicionais (atos jurídicos, técnicas, ritos religiosos) e atos mágicos podem ser confundidos, pois “de parte a parte há palavras e gestos que obrigam e que ligam, as formas solenes”.]

Passei a acompanhar de perto os festejos. Comecei a ajudar nas celebrações da missa conga. 1997. Mas a missa era pouco, ia dormir todos os anos na casa de Tuca para acordar com a alvorada.

[A alvorada é a visita que os moçambiqueiros fazem aos reis e rainhas na madrugada que antecede o dia de festa. É um momento forte e super aguardado pela Tuca. “Galo cantô, congado levanto!”].

Ela se levanta bem cedo para preparar o café e mal consegue dormir de tanta ansiedade. Por volta das cinco da manhã, após ter visitado algumas coroas, os moçambiqueiros chegam à casa da rainha conga. Uma feliz coincidência sobrepõe o momento da visita à hora do amanhecer, dando àquele instante uma cor púrpura que o recobre de encanto e *magia*.

[Começamos falando em participação. Trata-se de participação mágica, pois: “A magia é acreditada e não percebida. É um estado de alma coletivo que faz com que ela se constate e se verifique em seus prolongamentos, permanecendo, ainda assim, misteriosa, mesmo para o mágico”.]

Não feliz em participar da alvorada, passei a acompanhar todo o festejo: a ajudar na cozinha,

a filmar e fotografar algumas festas e até a acompanhar, junto do Reinado de Ibirité, os festejos da Irmandade do Jatobá.

- Que me seja dado nesse ponto fazer um salto por cima de um tempo em que essa memória esteve latente.

Já na academia, haveria de me confrontar com esta lembrança! Digamos que fui achado por ela! Devo invocar “Sua Excelência”, Elvécio Eustáquio [meu mentor espiritual, rastreador das tradições novaerenses...]. Nós à deriva, esperando o *anunciador* para que o *rastro* subentendido brilhasse como tijolos de ouro!

[Contrariamente ao convencional apagamento do sujeito da enunciação na etnografia clássica, uma certa antropóloga se viu confrontada, (pelo *truchement* da personagem do *anunciador*), com a palavra (enunciada em uma situação de crise) como o único fato empírico da magia. Palavra que não é informação, como quer o populismo etnográfico, mas poder...]

[O rastro “não é uma raiz mas a esquivança da origem” é o “movimento inomeável da *diferença - mesma*. Os tradutores da *Gramatologia*, em bela nota, observam que “o substantivo francês *trace* não deve ser confundido nem com *trait* (traço) nem com *tracé* (traçado), pois se refere a marcas deixadas por uma ação ou pela passagem de um ser ou objeto”, razão pela qual o traduziram como *rastro*. Rastros, marcas, passagens que nos fazem reencontrar a participação lévybruhiana.]

E ele ali, bruxo, atiçando nossa curiosidade, numa maneira de contar sem des-vendar, deixando as histórias em aberto para que, preenchendo as lacunas, encontrássemos nossas *vocações*.

[Vale lembrar (para certamente esquecer) que a antropologia é tal como a música e as matemáticas, uma vocação, “uma das raras vocações autênticas”, vez que “podemos descobri-la em nós mesmos sem que nos tenham sido ensinadas”.]

É preciso temperar a heresia quando a análise, bruta(l)mente, transforma o que olha em *objeto*. A inversão da *Górgona*...

[O objeto não é uma coisa em si, é uma “posição” que é dada no emprego humano dos utensílios. A consciência põe os utensílios como objetos na medida em que eles são elaborados com vistas a seu fim, i. e., “como interrupções na continuidade indistinta”. O utensílio/coisa “introduz a exterioridade em um mundo onde o sujeito *participa* dos elementos que distingue”.]

Nem por um instante penso, no entanto, em descartá-la! Mas antes que a digressão nos engula com sua *boca imensa*, faz-se urgente que voltemos à nossa humilde pesquisa.

[De passagem lembremos o susto lévistraussiano com a paisagem do Rio de Janeiro: “me sinto tanto mais embaraçado para falar do Rio de Janeiro que me repele, a despeito de sua beleza tantas vezes celebrada. Como diria? Parece-me que a paisagem do Rio não está à escala de suas próprias dimensões. O pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses lugares tão exaltados parecem ao viajante que penetra a baía como pedaços de dentes perdidos nos quatro cantos de uma boca desdentada. Quase constantemente perdidos na bruma lamacenta dos trópicos, esses acidentes geográficos não conseguem enfeitar um horizonte vasto demais para com eles contentar-se. Se se quer abraçar um espetáculo, há de tomar a baía pelo avesso, e contemplá-la das alturas. Do lado do mar e por uma ilusão inversa à de NovaYork, aqui é a natureza que veste o aspecto de um canteiro de obras. O comentário foi transgressivamente

retomado: “o antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a bahia da Guanabara / Ela lhe pareceu uma boca banguela/ E eu, menos a conhecera mais a amara?/ Sou cego de tanto vê-la, da tanto tê-la estrela/ O que é uma coisa bela?”]

- Minha perturbação multiplicava-se em várias outras na medida em que penetrava mais a mani[festa]ção. Quanto mais *próximo* me tornava deles, mais me sentia um *estrangeiro*.

[O meio ambiente urbano enquanto “cultura objetivada”, tem uma figura que lhe serve, ao mesmo tempo, de suporte e de analisador: o estrangeiro. Como “forma sociológica”, mostra todos os traços fundamentais da grande cidade: a ausência de raízes, a mobilidade, a objetividade como atitude típica, o sistema de atitudes *blasées* e sofisticadas, a segmentação de papéis, a capacidade de jogar com a distância e com a proximidade, a especialização de atividades e de temperamentos, os contatos secundários, etc. A “unidade da distância e da proximidade”, presente em toda relação humana, se organiza, no estrangeiro, segundo a fórmula: “a distância no interior da relação significa que o próximo é distante, mas o fato mesmo da alteridade significa que o distante é próximo”.]

Quanto mais histórias ouvia, mais dúvidas nasciam. Mas foram justamente essas *confusões* que passaram a me conduzir e orientar dentro do território desconhecido.

[A antropologia em sua ancoragem cartesiano-hegeliana toma a si a tarefa de transformar as representações nativas (idéias obscuras e confusas) em conhecimento (idéias claras e distintas), exorcizando de seu horizonte compreensivo e de seu telos explicativo “os valores (humanos, muito humanos)”, “para substituí-los por uma lei interna de organização (formal)”. Assim, por esse gesto (característico do estruturalismo lévi-straussiano), o equívoco, os abismos, as vertigens do símbolo, as tentações dos sentimentos coletivos (tão bem evidenciados nas participações lévybruhianas) desaparecem. Mecanismo de defesa contra o irracional, “mais exatamente contra a irrupção possível do sagrado.”]

Não tenho dúvidas de que a verdade dos meus sentimentos, me conduziram por aquele multiverso, criando entre os membros da irmandade e eu *laços firmes de confiança e reciprocidade*.

[A ventura/aventura humana por excelência – pois que toca a condição, a razão fundamental de toda sociedade – é a relação de reciprocidade, essa rocha humana sobre a qual são erigidas nossas sociedades. Relação que mistura as almas nas coisas, as coisas nas almas, aquela em que as vidas se misturam, aquela por intermédio da qual “as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca”. Falar em reciprocidade é falar também em dívida e em gratidão, em doação, em sair de si no encontro com o outro. Este texto é exatamente isto; expressa uma relação de troca e de profundas e generosas misturas que vêm ligando nossas almas e nossas vidas nos últimos anos, pelo que sou profundamente grata e devedora ao Rafael e ao Marcos.]

No entanto, eles viram, é claro, muito antes de mim, que o *destino* já estava traçado e a minha presença ali não era fruto do *acaso*.

[Como alguém se torna o que é? Como se modulam destino e acaso? Memória e esquecimento? Proveniência e devir? Somente “a louca da casa” para ousar responder. “Somos confundidos com outros — nós mesmos crescemos, mudamos continuamente, largamos a velha casca, trocamos de pele a cada primavera, tornamo-nos cada vez mais jovens, mais futuros, mais elevados, mais fortes, impelimos

nossas raízes cada vez mais poderosamente na profundidade — no mal —, enquanto abraçamos cada vez mais carinhosamente e mais amplamente o céu, absorvendo cada vez mais avidamente a sua luz com todos os nossos ramos e folhas. Crescemos como árvores — algo difícil de entender; como toda a vida! —, não em um só lugar, mas em toda a parte, não numa só direção, mas tanto para cima e para fora como para dentro e para baixo — nossa energia brota igualmente no tronco, nos galhos e raízes, já não somos livres para fazer qualquer coisa separadamente, para ver alguma coisa separadamente ... Tal é a nossa sina, como disse: nós crescemos até às *alturas*, e ainda que isto fosse a nossa fatalidade — pois habitamos cada vez mais próximos dos raios! — muito bem, nós não a reverenciamos menos por isso, ela continua a ser o que não desejamos compartilhar nem comunicar; a fatalidade das alturas, a *nossa fatalidade*...”

“Neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como *alguém se torna o que é*. E com isso toco na obra máxima da arte da preservação de si mesmo — do *amor de si*... Pois admitindo que a tarefa, a destinação, o *destino* da tarefa ultrapasse em muito a medida ordinária, nenhum perigo haveria maior do que perceber-se *com* essa tarefa. Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os *desacertos* da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as ‘modéstias’, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além da tarefa. Nisto se manifesta uma grande prudência, até mesmo a mais alta prudência: quando o *nosce te ipsum* [conhece-te a ti mesmo] seria a fórmula para a destruição, esquecer-se, *mal entender-se*, empequenecer, estreitar, mediocrizar-se torna-se a própria sensatez. Expresso moralmente: amar o próximo, viver para outros e outras coisas pode ser a medida protetora para a conservação da mais dura subjetividade. Este é o caso de exceção em que eu, contra minha regra, minha convicção, tomo o partido dos impulsos ‘desinteressados’: eles aqui trabalham a serviço do *amor de si*, do *cultivo de si*. — É preciso manter toda a superfície da consciência — consciência é superfície — limpa de qualquer dos grandes imperativos.”]

Foi em uma destas festas que fui surpreendido pela força do desconhecido e a magia do congelado se apresentou firmemente a/em mim. É disso que se trata! Foi isso mesmo que aconteceu! Estava registrando o levantamento dos mastros (que ocorre no sábado da festa) quando fui tocado por um forte sentimento de alegria e satisfação. Parecia que, pela primeira vez, eu sentia a completude daquele drama que me emocionou enormemente. Os arrepios e o choro surgiram de dentro. Alguma coisa acontecia e me fazia entender a profundidade daquele festejo nos atos que há tempo eu acompanhava, mas que desconhecia completamente. Aqueles momentos que antes não me diziam nada, passaram a me falar muito... sobre o nada.

- O que vai à alma não pode ser aferido pelo percorrido. A duração tem estranhos modos de se impor, corre apenas quando não damos conta dela e lhe basta apenas um instante, aquele talvez da participação cega e emocionante na procissão. Sendo um nada, logo desfeito pelo obscuro desejo de agarrar-lhe compreensivamente, pode durar tanto quanto esse texto demorará em ser lido por alguém que se der ao trabalho...

É *impossível* pensar o *infinito*, pensá-lo é o modo de pensar como se pensa o pensamento; sabendo que necessariamente desistiremos de continuar pensando a extensão dele e que sempre pediremos por um repouso, tentando achar uma explicação que nos console... Quem sabe, a antropologia? Com a palavra o poeta:

[“Não obstante, é-me permitido, enquanto indivíduo, dizer que não posso conceber o Infinito e estou convencido de que nenhuma criatura humana o pode. Um espírito sem a plena consciência de si mesmo, desacostumado à análise introspectiva de suas próprias operações, enganar-se-á, é certo, muitas vezes, supondo que concebeu a idéia de que falamos. No esforço de concebê-la, nós caminhamos passo a passo, imaginamos sempre um degrau após outro, e, enquanto continuarmos o esforço, pode-se dizer, de fato, que estamos tendendo para a concepção da idéia em vista; ao passo que a força da impressão, que realmente formamos, ou temos formado, está na razão do período de tempo, durante o qual mantivemos a tentativa mental. Mas é no ato da interrupção do esforço — de completar (como pensamos) a idéia — de dar a última demão (como supomos) à concepção — que nós destruimos imediatamente todo o edifício de nossa fantasia, repousando sobre algum derradeiro e, por conseguinte, definido ponto. Esse fato, porém, deixamos de percebê-lo, por causa da absoluta coincidência de tempo, entre o estabelecimento sobre o derradeiro ponto, e o ato de cessar de pensar. Tentando, por outro lado, formar a idéia de um espaço limitado, simplesmente invertemos o processo, que implica a impossibilidade...]

Infinita é a corrente que me arrasta desde que decidi me entregar ao devaneio. É pelo *esquecimento* que as lacunas do meu *ser* são alinhavadas numa costura que se chama *memória*. Esse, o caminho do ser.

[“Mas então, poderia alguém perguntar-se, que necessidade há de um caminho que nos conduza até ali? Resposta: ali, onde já estamos, estamos de tal maneira, que, ao mesmo tempo, não estamos, enquanto todavia não alcançamos propriamente o que reclama nossa essência!”]

Esse vazio me lembra, a golpes de pugilista, que minha coerência é precária e por isso invisto numa *escritura* que tenha um apelo magistral. *Voilà!*

Passemos ao *drama!*

O que me pareceu nítido na primeira vez que senti aquela grande alegria do conagraçamento no Rosário foi apenas o *azul* muito brilhante girando nos corpos ou a pura luz no céu, compondo uma eternidade para aqueles passos tão efêmeros.

[O drama barroco, à moda brasileira, “se destaca dos muros das igrejas, das fachadas dos palácios, desce as majestosas escadas para se espalhar nas praças, em suas grandes avenidas que terminam em horizontes de azul, para tomar posse do corpo humano, complicando-o com suas perucas e fitas; ele invade a rua com suas procissões, carros alegóricos, sua pompa de um momento, atingindo às almas através do ritual de polidez e o subjetivismo de seus sentimentos”.]

Essa iluminação corre paralela àquela do *olfato*, desde sempre a primeira impressão, aquilo que chegava antes do congado e que quase imediatamente explodia com o som; o cheiro triplo do suor, da cachaça e da pólvora.

[Primeira impressão, olfato, participações, esquecimento e memória, rasgam o texto, deixando seus rastros, mesmo no mais racionalista dos antropólogos: “O Brasil desenhava-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas dissimulando arquiteturas bizarras, o todo banhado num cheiro de incensador, detalhe olfativo introduzido subrepticamente, ao que parece, pela homofonia inconscientemente apreendida das palavras ‘Brasil’ e ‘brasido’, mas que, mais do que qualquer experiência adquirida, explica que ainda hoje, eu pense o Brasil em primeiro lugar como um

perfume queimado”.]

Mas, uma vez sob o efeito da alegria, toda sinestesia se apaga, a alegria inunda de lágrimas a incompreensão de meu estado! Todos em volta olhavam o estranho espetáculo deste estrangeiro, tolerável em sua estranheza, que se portava respeitoso. Diziam, inclusive, que era muito inteligente, de família honesta e até estudava em Belorizonte!

- Mas este exame de consciência só teve lugar depois que alguns capitães se dirigiram a mim. Após o ritual de levantamento do mastro, individualmente, eles me procuraram no meio dos festejos e me disseram que durante a *consumação* do elo entre os céus e a terra [É disso que se trata! Foi isso mesmo que aconteceu!] o espírito do senhor das matas havia se apossado do meu corpo e que eles conseguiam *ver*, nitidamente, a presença dele ali, em mim.

[O sagrado é “comparável à chama que destrói a madeira ao consumi-la”, sendo assim, “o incêndio ilimitado, que se propaga, irradia o calor e a luz, inflama e cega, e aquilo que ele inflama e cega, por sua vez, subitamente, inflama e cega”. Essa destruição, esse consumo incondicional, enquanto negação da ordem produtiva (da ordem das coisas), é sacrifício também, pois, exatamente como o incêndio abrasador do sol, “que lentamente morre da pródiga irradiação cujo brilho nossos olhos não podem suportar” não está, contudo, nunca isolado “e, num mundo de indivíduos, convida à negação geral dos indivíduos como tais”. E aqui irrompe a festa: “o movimento inicial da festa está dado na humanidade fundamental, mas ele só atinge a plenitude de um jorro se a concentração angustiada do sacrifício o desencadeia”.]

Ao ver meu espanto e minha ignorância com relação ao que eles falaram, um me pediu desculpas e disse para que eu não me assustasse. Com o *tempo...* eu saberia do que eles estavam falando! O sinal estava dado: eu era um filho do Rosário de Maria, nasci predestinado ao congado e com força para comandar!

[O tempo que se trata aqui é o tempo-diferimento, o tempo-diferença, aquele que articula o vir-a-ser-espaco do tempo e o vir-a-ser-tempo do espaco. Não se trata, certamente, do tempo da história, que foi “associado sempre a um esquema linear do desenrolamento da presença, quer sua linha relacione a presença final à presença originária segundo a reta ou segundo o círculo”. O tempo como diferimento “é sempre o não-percebido, o não-presente e o não-consciente”.]

Passei a enxergar o congado com outros olhos e os membros da Irmandade se comportaram da mesma forma em relação a mim.

Uma *vontade de ligar* nos unia definitivamente!

Eu não escolhi, mas fora escolhido!

[“A participação não é somente uma confusão. Ela supõe um esforço para confundir e um esforço para juntar; existe desde a origem a vontade de ligar”]

- Eu era invadido por uma confiança que se firmava nos sutis gestos de concordância! Sentia um afago do olhar companheiro na passagem de uma música para outra, como se nos comprometêssemos num *segredo*, lançando-nos uma senha que abria a intimidade, que renovava o cantar e ele rebrotava forte, mesmo nas subidas.

[“Dizem que em cada coisa uma coisa oculta mora
Sim, é ela própria, a coisa sem ser oculta
Que mora nela.

Mas eu, com consciência e sensações e pensamentos,
Serei como uma coisa?
Que há a mais ou a menos em mim?
Seria bom e feliz se eu fosse só o meu corpo –
Mas sou também outra coisa, mais ou menos que só isso.
Que coisa a mais ou a menos é que eu sou?”]

Essa permissão do canto congregava-me sem que me tornasse um deles. A louvação era um reconhecimento e intuí, vendo que todos se mantinham *agregados no ritmo próprio de seu grupo dentro da procissão*, que o grupo ia aos confins da música, ali onde ela deixava de ser para incorporar-se num som maior, o da procissão toda, o som do encontro do mundo vivo com o mundo eterno.

[Não custa lembrar que o grande ancestral, festa é efervescência, produto dos momentos/situações nos quais as “energias passionais” da coletividade encontram-se em estado de “exaltação geral”, nos quais a “influência corroborativa da sociedade se faz sentir com maior rapidez e muitas vezes até com maior evidência”, pois “as interações sociais tornam-se muito mais freqüentes e mais ativas”. Essas circunstâncias, nas quais “a ação reconfortante e vivificante da sociedade é particularmente manifesta”, correspondem ao momento da assembléia. Diz ele: “no seio de uma assembléia que esquentava uma paixão comum, tornamo-nos suscetíveis de sentimentos e de atos de que somos incapazes quando estamos reduzidos às nossas forças”. Quando os fiéis estão reunidos o estado de efervescência religiosa se traduz por “movimentos exuberantes que não se deixam facilmente sujeitar a fins muito estritamente definidos”; eles escapam, sem objetivo preciso, pelo “simples prazer de se desdobrar”, como um jogo. *Reliança!*]

Como a influência imediata do som, que não avançava tanto além dos limites de sua guarda, podia tornar-nos, por um instante, suficientemente aptos para captar uma faísca, um mínimo de entendimento em comum?

[Entendimento apenas sugerido, nunca pronunciado, que nem deve passar pelos centros conscientes de nossa mente, senão pela periferia de nossas percepções].

- Minha relação com o congado me foi presenteada [apresentada] e o inevitável agora presente fica [presentifica]. Sem percebermos, por mais que tentemos adicionar sentido às coisas, elas próprias possuem sua força própria.

[Mana, diriam os antropólogos].

E não importa se nos damos conta ou não, nunca estamos sendo mais conduzidos do que conduzindo.

- O movimento assim posto introduz a conversação, esse jogo que lamenta a grandeza perdida, luta com o passado, com a tradução e com os ancestrais. O *ouvinte* se torna a fonte do sentido e o

falante tenta fazer com que ele se re-vele, faz isso se ocultando numa fala geral.

O que corrompe a memória é o mesmo que guarda os tesouros, o ouvinte por excelência! Aquele que resgata a “conversa” da trivialidade, pondo fim à grandeza do silêncio! A outra conversa do silêncio é o êxtase. A revelação é a grande piada suja: *o mundo é feito de palavras!*

A conversa mantém os corpos próximos como se fosse uma carícia. As percepções periféricas às quais me referi anteriormente retornam na idéia de uma comunicação livre de si mesma, de matéria e de linguagem. Mas ainda assim a conversa marca o terreno, entre os seus e quando estão juntos! Ela é parte do passado e é bela de se ver porque se arrisca à contemplação mútua. Capta a respiração, enquanto as palavras se perdem no espaço! O silêncio pode ser também um encanto!

- Ao fim dessa conversa quem saberia dizer a qual de nós pertence cada uma das lembranças invocadas? Quem saberia dizer quem somos nós? Ao leitor, a in-decisão!

SOBRE OS AUTORES:

Léa Freitas Perez – Dr. em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales Paris, professor associado da UFMG.

Rafael Barros Gomes – Graduado em Ciências Sociais pela UFMG.

Marcos da Costa Martins – Graduando em Ciências Sociais pela UFMG, bolsista de Iniciação Científica pela UFMG.

REFERÊNCIAS

As referências aparecem aqui tal como dispostas no texto.

Pessoa, DaMatta, *carnavais, malandros e heróis*.

Platão e Bakhtin por Marília Amorim. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*.

O esquecido mestre é Lévy-Bruhl. *Carnets II, l. Catégorie affective du surnaturel et causalité*.

A participação lévy-bruhliana. *Carnets III. Participation et appartenances*.

A solidão e o fascínio de Maurice, o Blanchot. *O espaço literário*.

A arqui-escritura e o mito das origens segundo a *Gramatologia* de Jacques Derrida.

Rastros e fantasmas na *Aula* de Barthes.

A violência e o sagrado segundo René Girard.

O numinoso segundo Rudolf Otto. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional (Das Heilige)*.

A aposta festiva de Jean Duvignaud em *Le don du rien: essai d'anthropologie de la fête*.

O absoluto hegeliano em Lalande no seu *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*.

A passagem e a mudança conforme os *Cursos sobre Filosofia Grega* a lá Bergson.

Necessidade segundo Derrida. *Gramatologia*.

Nossa solicitação à solicitação derridiana em. *A Escritura e a diferença*.

Festivo encontro entre Burke, Kant, Hölderlin, Nietzsche e Breton em *Le don du rien*.

Solenidade da magia e da tradição em Marcel Mauss. *Esquisse d'une théorie général de la magie*.

A participação mágica do mago. *Esquisse d'une théorie général de la magie*.

A certa antropóloga é a certa Jeanne Favret-Saada em *Les Mots, la mort, les Sorts*.

D'après Gramatologia.

Como nasceu o etnógrafo Claude Lévi-Strauss. *Tristes tropiques*.

A participação de Georges Bataille. e sua *Théorie de la religion*.

Impressões euro-estruturalistas. *Tristes tropiques. versus* Impressões tropicalistas de Caetano Veloso.

A estranheza do estrangeiro Georg Simmel. *Digressions sur l'étranger.*

Inspirações nietzschianas para o barroco Roger Bastide. Conclusão de um debate recente: o pensamento obscuro e confuso.

A dívida d'alma. *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques.*

A pedagogia de Frederico, vulgo Nietzsche. *A Gaia Ciência. Aforismo 371. e Ecce Homo: como alguém se torna o que é.*

Eureka, Poe! *Poesia e Prosa.*

Ser(tão!) heideggeriano, por Vattimo. *El pensamiento débil.*

A barroquização dos trópicos segundo Bastide. *Images du nordeste mystique en noir et blanc.*

Memórias olfativas nos *Tristes tropiques.*

Bataillices e *Théorie de la religion.*

O *chronos* derridiano na *Gramatologia.*

A participação da participação na participação: Lévy-Bruhl por Mauss em Catherine Backès-Clément. *Le mauvais sujet.*

A quem do-eu, além do outro por Alberto Caeiro, recolhido por Fernando Pessoa.

A efervescência durkheimiana e as *formes élémentaires de la vie religieuse.*